

A grosseira intervenção de Donald Trump



Por **LUIZ SÉRGIO CANÁRIO***

A crescente influência do BRICS no cenário global e a defesa do mercado para as bigtechs são fatores que motivam a intervenção de Trump, visando enfraquecer o bloco e manter a hegemonia estadunidense

1.

Quando se vê toda essa confusão causada por Donald Trump com a ameaça de taxar as exportações brasileiras para os EUA em 50% é preciso se procurar não as causas aparentes, mas sim as que fazem mais sentido no quadro da conjuntura. Claro que a alusão, logo na abertura da carta, aos eventos na justiça ao redor de Jair Bolsonaro, sua família e sua quadrilha, dão uma caráter também político, principalmente depois da carta dirigida pessoalmente a Jair Bolsonaro por Donald Trump.

Mas certamente não seriam os problemas de Jair Bolsonaro *et cetera* que moveriam a ira do Império do Norte contra nós. Há de haver outras questões mais importantes e significativas. E o BRICS e a defesa do mercado para as Bigtechs são fortes candidatas a isso.

O acrônimo BRIC foi criado por economista da Goldman Sachs em 2001 para se referir as quatro economias emergentes com grande potencial de crescimento e influência: Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2010 ao realizar, em Ecaterimburgo, na Rússia, uma conferência de cúpula, esses quatro países formam um bloco, sem organização formal, para tratar de cooperação intergovernamental e adotam BRIC como nome.

Mais tarde, em 2010, a África do Sul entra para o bloco, que passa a se chamar BRICS. Entre 2024 e 2025 outros cinco países aderem, Egito, Etiópia, Irã, Emirados Árabes Unidos e Indonésia. Hoje o bloco reúne cerca de 50% da população mundial, 40% do PIB PPP e 30% do PIB nominal, segundo estimativas de algumas fontes. É visível a importância do bloco em qualquer cenário e em qualquer análise do mundo hoje. E dentro do grupo certamente o BRIC original tem um grande peso.

A consolidação do bloco avança e isso, dentre outras questões, afeta o comércio internacional. Nas tabelas abaixo um retrato disso na relação do Brasil com os principais parceiros do BRICS, com a União Europeia e com os EUA.

a terra é redonda

	Comércio Total (US\$ bilhão)								
Ano/País	China	Índia	África do Sul	Rússia	BRICS	Estados Unidos	% EUA/BRICS	UE	% UE/BRICS
2015	65,87	7,91	2,00	4,68	80,46	50,52	62,79%	62,65	77,86%
2016	58,48	5,64	1,73	4,32	70,18	46,97	66,93%	55,93	79,70%
2017	75,04	7,64	2,00	5,40	90,09	54,68	60,70%	62,08	68,92%
2018	99,09	7,78	2,03	5,06	113,95	61,53	54,00%	69,93	61,37%
2019	99,39	7,31	1,88	5,33	113,92	64,49	56,61%	64,91	56,98%
2020	102,57	7,05	1,60	4,27	115,49	49,35	42,73%	57,96	50,19%
2021	135,56	11,53	2,19	7,29	156,56	70,53	45,05%	74,80	47,77%
2022	150,17	15,15	2,63	9,81	177,77	88,74	49,92%	95,16	53,53%
2023	157,50	11,56	2,22	11,36	182,64	74,87	41,00%	91,72	50,22%
2024	158,01	12,12	2,04	12,42	184,58	81,02	43,89%	95,54	51,76%
Total:	1.101,67	93,70	20,32	69,94	1.285,63	642,71	49,99%	730,67	56,83%
Variação:	239,88%	153,33%	101,94%	265,06%	229,42%	160,38%	69,91%	152,50%	66,47%

	Saldo Comercial (US\$ bilhão)						
Ano/País	China	Índia	África do Sul	Rússia	BRICS	Estados Unidos	UE
2015	30,74	-1,58	0,72	0,24	30,12	-0,28	-5,03
2016	51,15	-2,19	1,07	0,28	50,31	-1,04	-1,64
2017	28,68	-2,55	0,82	0,07	27,02	-13,87	-1,66
2018	40,26	-1,93	0,18	-1,75	36,76	-8,24	-1,35
2019	33,01	-1,28	0,38	-2,10	30,01	-6,40	-4,97
2020	27,33	-1,76	0,38	-1,22	24,73	-5,06	-2,68
2021	28,77	0,04	0,70	-4,11	25,40	-4,13	-1,73
2022	19,93	1,67	1,02	-5,89	16,73	-0,94	6,63
2023	11,78	0,68	1,06	-8,67	4,85	-0,66	0,88
2024	4,44	-0,67	0,71	-9,52	-5,04	-2,44	1,02
Total:	276,10	-9,56	7,03	-32,67	240,90	-43,07	-10,53

É evidente a perda relativa de importância do comércio com o “Norte Global”. Dez anos atrás o comércio exterior brasileiro com a União Europeia era de US\$62,65 bilhões, 77,86% do comércio com o BRIC. Com os EUA era de US\$50,52 bilhões e 62,79%, respectivamente. Em 2024 esses valores caem para US\$95,54 bilhões e 51,76% com a União Europeia e US\$81,02 e 49,99% com os EUA.

Uma grande perda de participação no comércio exterior para o bloco, especialmente para a China. O saldo é fortemente positivo com o BRICS, puxado pelo saldo com a China, deficitário com os EUA nos dez anos avaliados e deficitário com a União Europeia em sete dos mesmos dez anos. No total dos dez anos essa diferença é muito significativa.

Não há sinais de que se quadro se reverta. A inclusão de países no bloco faz com que a tendência seja de aprofundar essa diferença e a perda constante de participação do “Norte Global” com o comércio exterior brasileiro. Para o bem ou para o mal, a China é um parceiro cada vez mais importante no comércio exterior, dando um caráter cada dia mais importante para as relações comerciais do Brasil com o bloco.

Além das questões comerciais, há outras de impacto nas relações internacionais do Brasil e do próprio BRICS com o mundo. O bloco vem discutindo e construindo mecanismos para reduzir o peso do dólar em suas transações comerciais e

financeiras. A China criou o CIPS (*Cross-Border Interbank Payment System*), uma plataforma de pagamentos entre países para executar transações financeiras internacionais, reduzindo a dependência do SWIFT (*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication*), que é a plataforma usada por todo o mundo, um padrão de fato, controlada pelos bancos centrais do “Norte Global”.

Impedir alguns bancos russos de usar o SWIFT é uma das formas usadas para penalizar o país por conta da guerra com a Ucrânia. Na ausência de outra plataforma, ser bloqueado no SWIFT traz inúmeros transtornos para a liquidação de transações internacionais. Outras duas iniciativas, ainda em fase preliminar de discussão, são o uso das moedas próprias de cada país nas transações intrabloco e criar uma moeda própria do bloco para ser usada nas transações internacionais. Ambas reduzem o uso do dólar como moeda padrão de troca. Se todo o bloco reduzir muito o uso da moeda dos EUA em suas transações, reduz junto o poder e a força dessa moeda no mundo.

2.

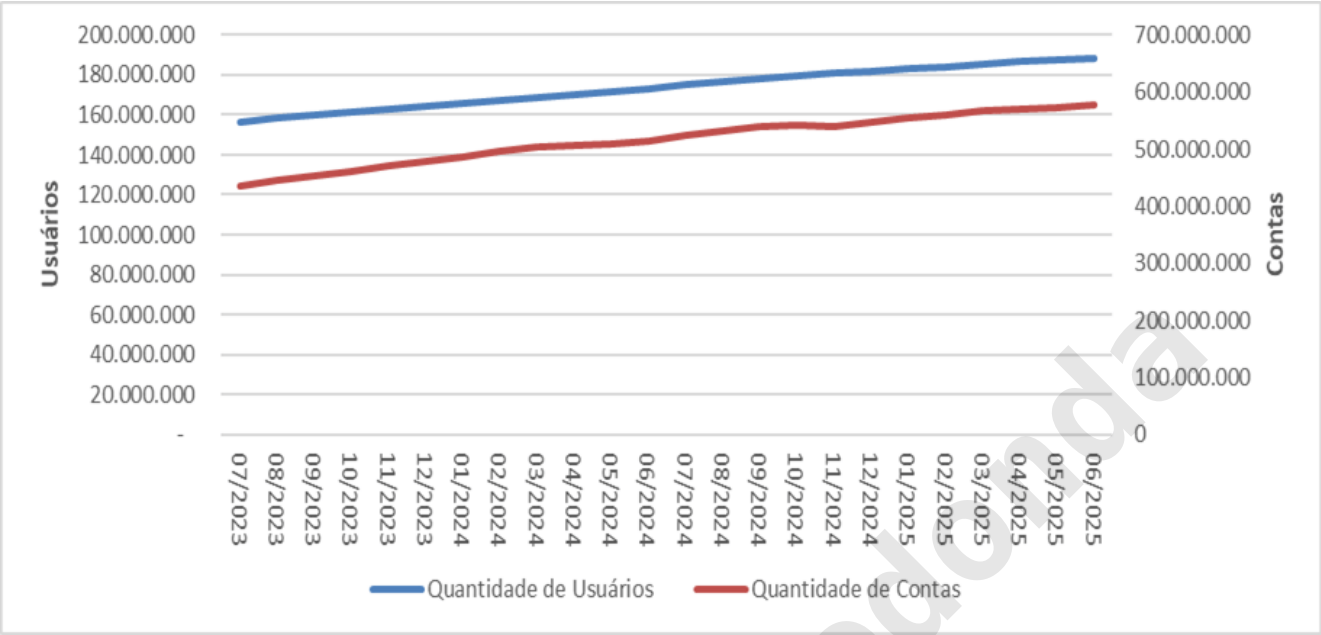
Logicamente o fortalecimento e o crescimento do BRICS não interessa em nada aos EUA. A ameaça da China ao mundo unipolar, surgido após o fim da Guerra Fria, com os EUA como potência maior e incontestável, a quem o mundo deve vassalagem, fica ainda mais potente com a atuação do bloco tendo a China à sua frente.

Dos quatro membros originais e de maior peso no bloco, o Brasil, do ponto de vista dos EUA, é o elo mais fraco da cadeia. Diferentemente dos demais, não é uma potência militar nem atômica. Não está em uma área prioritária e sensível da geopolítica dos EUA. Não é uma potência industrial ou científica nem tem imensas populações como China e Índia. Não é um parceiro comercial com o peso da China.

Nas últimas semanas Lula tem feito algumas falas defendendo essas posições que colocam o BRICS desafiando o poder do dólar e por consequência o poder do império. E ele nesses dois anos e meio de governo voltou a ser uma voz que tem alguma audiência nos fóruns internacionais, tendo sido inclusive convidado para a última reunião do G7. O Brasil, após Michel Temer e Jair Bolsonaro, dois fantasmas no cenário internacional, reaparece. Para completar, Dilma Rousseff é a presidenta do Banco dos Brics, reconduzida após o primeiro mandato, pela China, que abriu mão da posição que seria sua pelos critérios de governança do banco.

É possível se concluir que o jogo pesado de Donald Trump com o Brasil na verdade tenha como alvo um recado ao bloco. Agredir China, Rússia e Índia pode não ser interessante a ele nesse momento.

Há nas cartas e falas de Donald Trump uma evidente defesa dos interesses das Bigtechs sediadas nos EUA e que controlam boa parte das interações das pessoas com a internet aqui e no mundo. Um dos interesses dessas empresas é o mercado de pagamentos eletrônicos. Daí a referência ao PIX brasileiro. O PIX, segundo dados do Banco Central, tem as quantidades do gráfico abaixo.



Em junho de 2025 havia cerca de 189 milhões de usuários pessoas físicas e jurídicas e 577 milhões de contas. Como comparação, em 2024 havia 154 milhões de cartões de débito, 5% menos quem em 2023, demonstrando uma queda importante de um produto que existe há décadas no país. É provável que essa queda seja consequência do uso intenso do Pix.

Em junho 2020 a Meta anunciou o lançamento da funcionalidade WhatsApp Pay no Brasil. Seria possível enviar dinheiro a amigos e pequenos negócios usando Facebook Pay. Porém, apenas oito dias depois, o Banco Central e o Cade pediram a suspensão, citando preocupações com a competitividade, proteção ao Pix e falta de análise prévia, frustrando a empresa. Somente em março de 2023, o Banco Central autorizou o WhatsApp a permitir pagamentos a pequenos e médios negócios, após integração com diversas adquirentes como Cielo, Mercado Pago e Rede.

Em abril de 2023, o recurso foi lançado oficialmente, possibilitando pagamento dentro do chat usando cartões Visa e Mastercard. A Meta tentou se antecipar ao lançamento do Pix, mas o governo frustrou sua intenção. Mas os valores envolvidos nas transações com Pix são de chamar a atenção. As tabelas abaixo mostram os valores transacionados pelo Pix e a arrecadação potencial para a cobrança de uma taxa de 1% ou 2%, as praticadas nos pagamentos com cartão de débito.

PIX - Valor das Transações (R\$ bilhão)		Potencial de arrecadação (R\$ bilhão)	
Data	Total	Taxa 1%	Taxa 2%
2023-07-31	1.423	14,23	28,45
2023-08-31	1.519	15,19	30,38
2023-09-30	1.528	15,28	30,56
2023-10-31	1.653	16,53	33,06
2023-11-30	1.727	17,27	34,55
2023-12-31	1.920	19,20	38,40
2024-01-31	1.804	18,04	36,09
2024-02-29	1.704	17,04	34,08
2024-03-31	1.921	19,21	38,42
2024-04-30	2.063	20,63	41,25
2024-05-31	2.103	21,03	42,07
2024-06-30	2.118	21,18	42,37
2024-07-31	2.338	23,38	46,75
2024-08-31	2.326	23,26	46,52
2024-09-30	2.313	23,13	46,26
2024-10-31	2.477	24,77	49,54
2024-11-30	2.457	24,57	49,15
2024-12-31	2.780	27,80	55,59
2025-01-31	2.470	24,70	49,41
2025-02-28	2.432	24,32	48,64
2025-03-31	2.570	25,70	51,41
2025-04-30	2.677	26,77	53,54
2025-05-31	2.822	28,22	56,44
2025-06-30	2.866	28,66	57,32
Total	52.012	520,12	1.040,24

3.

Passaram pelo Pix cerca de R\$52 trilhões com um potencial de arrecadação de R\$520 bilhões e R\$1 trilhão para taxas de 1% e 2%, respectivamente, entre julho de 2023 e junho de 2025. Uma montanha de dinheiro que poderia potencialmente ser arrecadada pelas Bigtechs. Ou ao menos parte dela. Ainda assim seria muito dinheiro para se deixar de lado. E isso sem custo nenhum para os 168 milhões de usuários pessoa física do Pix para suas transações entre si ou com os 20 milhões de usuários pessoa jurídica.

A tentação para algum tipo de intervenção que possibilite acesso a essa mina de ouro é muito grande. Uma nota de pé de

página importante é que há no Banco Central quem defenda a transferência da operação do Pix para uma empresa privada em nome da modernidade, eficiência e segurança. Isso tem cheiro de lobby de cachorro muito grande, imenso. Como as Bigtechs ou o mercado financeiro.

Além dessa montanha de dinheiro as Bigtechs não suportam a ideia de perderem seu poder de atuar sem nenhuma regulação. A capacidade de influenciar o debate público, seja político ou da vida em sociedade, delas é imenso. E elas não querem perder isso. A possibilidade de interferir diretamente nos processos eleitorais, monitorando e manipulando os eleitores em função dos seus interesses ou daqueles que lhes dão cobertura e rezam na mesma cartilha política, invariavelmente de direita, é defendida a todo custo e sem limites.

Os dados e comentários acima procuram montar o cenário mais provável que resultou na grosseira intervenção de Donald Trump em nosso país do que a singela defesa de Bolsonaro e de sua família. Não parece crível que o Império do Norte fosse se mover em nossa direção por tão pouco como defender alguém que nem é esse alguém todo. Alguém que parte importante da própria burguesia nacional, como pode ser visto em editoriais do Estadão e nos comentários da *GloboNews*, parece estar abandonando.

Claro que Jair Bolsonaro ainda não é cachorro morto. Mas seu capital político aparentemente está se reduzindo, especialmente após a cartinha de Donald Trump. Está colando nele e na família o carimbo de quem está rifando o país para livrar sua pele.

Pode-se então concluir que a defesa dos interesses das Bigtechs e o ataque aos BRICS fazem mais sentido que a defesa da família Bolsonaro.

***Luís Sérgio Canário** *é mestrando em economia política na UFABC.*